

A CRIANÇAS COM DEFEITOS CONGÉNITOS DO METABOLISMO (DCM) TAMBÉM NECESSITAM DE LIMITES?

Na vida quotidiana ocorrem inúmeras situações em que nos sentimos incapazes de fazer cumprir as regras que desejamos impor aos nossos filhos e com frequência nos questionamos, sobretudo em situações de conflito, até que ponto nos devemos manter fortes ou dar o braço a torcer, até que ponto devemos exigir o cumprimento dessas normas.

Isto pode ser ainda mais polémico quando se trata de educar uma criança com DCM com a qual tendemos a funcionar, ainda que inconscientemente, num registo de sobreproteção e a ser mais benevolentes face aos deveres e obrigações que ela tem, como qualquer outra criança.

Limites nas crianças com defeitos congénitos do metabolismo (DCM)



DEVEMOS COLOCAR REGRAS E LIMITES OU NÃO?

Para poder desenvolver-se psiquicamente, qualquer criança necessita de ter **normas que lhe sirvam como ponto de referência**.

Há umas décadas atrás acreditava-se que era importante educar no “deixar fazer”, na liberdade total mas hoje em dia verificou-se que, a longo prazo, é mais prejudicial o extremo de “deixar fazer tudo” que o outro extremo de uma educação autoritária.

Um educação excessivamente permissiva gera, a longo prazo, mais indivíduos com alterações do comportamento e da relação do que uma educação excessivamente autoritária, uma vez que a criança não tem pontos de referência pelos quais orientar a sua conduta.

A educação implica, pois, estabelecer limites claros acerca do que se pode e não se pode fazer e ensiná-la a ser responsável.

A criança, pouco a pouco vai interiorizando, fazendo suas, as normas que regem a vida familiar e social. A interiorização destas normas vai permitir-lhe saber o que fazer (como e quando) em cada ocasião. Ou seja, **essas normas serão um ponto de referência para orientar a sua conduta.**

Limites

TAMBÉM SE DEVEM DAR NORMAS A UMA CRIANÇA COM UMA DCM?

Uma criança com um DCM é uma criança como as outras mas com algumas possíveis limitações (físicas, psíquicas ou relacionadas com o tratamento) que devem ser levadas em conta no momento de colocar as regras uma vez que há que adaptá-las ao grau de maturidade intelectual e emocional dessa criança.



No entanto, há que evitar a sobreproteção e procurar educar a criança dentro da maior normalidade já que a sua vida vai decorrer em sociedade (família, escola, trabalho, se for possível) e deve aprender a adaptar-se a ela o quanto antes.

ENTÃO AS NORMAS SÃO BENÉFICAS PARA QUALQUER CRIANÇA?

As normas são benéficas porque ajudam a criança a crescer com confiança, segurança e autoestima. A criança, se cumpre as regras, está segura de que o que faz está a fazer bem o que gera confiança e aumenta a sua autoestima.

AS NORMAS NÃO PRODUZEM SENTIMENTOS DE FRUSTRAÇÃO NA CRIANÇA?



Um certo grau de frustração é necessário para o desenvolvimento psíquico da criança uma vez que a frustração ensina que nem tudo se pode ter e nem tudo se pode fazer a qualquer momento.

A frustração ajuda a criança a adaptar-se à realidade.

A CRIANÇA JÁ NASCE RESPONSÁVEL OU A RESPONSABILIDADE VAI-SE ADQUIRINDO?

Conseguir que as crianças sejam responsáveis é uma tarefa que exige tempo. A responsabilidade não é uma capacidade que nasce com a criança mas sim que se aprende. Como qualquer aprendizagem, implica sucessos mas também erros e por isso não há que esperar resultados imediatos mas sim a longo prazo.

COM QUE IDADE SE PODEM COMEÇAR A POR REGRAS E LIMITES À CRIANÇA?

Na realidade, o início dos limites ou normas começam logo no primeiro ano de vida, quando a mãe diz “não, não” ao seu bebé para evitar que ele tenha comportamentos desadequados.

Essas normas primeiramente são exteriores mas, com o tempo, a criança vai internalizando-as e fazendo-as progressivamente mais suas.

Idade para pôr limites?



As normas são muito necessárias, sobretudo na criança pequena, já que lhe oferecem um modelo de comportamento por onde se orientar o que lhe dá segurança e a prepara para enfrentar futuras situações. Os pais, ao indicarem o que se pode e não se pode fazer, vão orientando pouco a pouco o caminho da criança na sua sociabilização.

É DIFÍCIL PARA OS PAIS COLOCAR ESSAS NORMAS?

Apesar de saberem como é importante colocar regras e limites, muitas vezes é difícil colocá-los.

Há pais que não sabem dizer um não, alguns por medo de parecerem autoritários ou porque lhes é difícil tolerar o sentimento de serem vistos como pouco compreensivos; outros podem recordar-se das suas próprias experiências infantis negativas e desejam agir de modo radicalmente oposto ao dos seus pais; outros por culpabilidade porque têm pouco tempo para dedicar aos seus filhos e então optam por compensá-los a todo o custo; outros porque confiam pouco nas capacidades dos seus filhos e acabam por sobreprotegê-los.

E NA PRÁTICA, COMO DEVEM SER AS NORMAS? QUE CARACTERÍSTICAS DEVEM TER?

a) As normas devem ser simples e compreensíveis, adequadas à idade da criança, ao seu grau de maturidade emocional e às suas competências. De outro modo, a criança pode pensar que são injustas ou não compreender porque são necessárias.



b) Não devem ser excessivas – é melhor estabelecer poucas normas mas suficientemente claras do que estar a mudá-las de acordo com o nosso estado de ânimo.

c) Há que ser **coerente** e não caír no erro de corrigir umas vezes e outras não, pois isso confunde a criança.

d) A criança deve conhecer as consequências de não cumprir alguma norma e isso não serve para que tenha medo mas sim para que compreenda a importância dessas regras. Também é

importante lembrar que não é benéfico fazer ameaças que depois não se cumprem.

e) No caso de incumprimento de regras, há que saber **distinguir** se foi por acidente ou por provocação.

f) Finalmente, realçar que é melhor formular as normas de modo positivo, mostrando o lado positivo das proibições. É mais eficaz educar pelo lado positivo, ou seja, realçando o bom mais do que o lado mau pois, em linhas gerais, o êxito gera êxito e o fracasso gera fracasso. Se a criança só ouve coisas más acaba por pensar que também é má.

Projeto: As Doenças Metabólicas Raras em Português, um projeto APCDG & Guia Metabólica.

Apoio económico: "Para ti, sempre: um CD de música, uma vida CDG", coordenado pela APCDG em 2014 e realizado em conjunto com famílias, amigos e profissionais CDG.

Coordenação da tradução: Vanessa Ferreira (Associação Portuguesa CDG e outras Doenças Metabólicas Raras, APCDG, Portugal), Mercedes Serrano e Maria Antónia Vilaseca (Guia Metabólica).

Tradução: Carla Maia, Centro hospitalar tamega e sousa, Portugal.